

MULHERES E TRABALHO REPRODUTIVO NA PANDEMIA: A CONSTRUÇÃO DE UM PRÉ-CONSTRUÍDO

BRUNA VITÓRIA TEJADA¹; LUCIANA IOST VINHAS²

¹*Universidade Federal de Pelotas – brunaatejada@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – lucianavinhas@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, temos por objetivo refletir sobre os efeitos da crise sanitária causada pelo vírus SARS-CoV-2 nas relações de gênero, mais especificamente na relação de mulheres com o trabalho reprodutivo, propondo uma articulação teórica entre a Análise de Discurso Materialista (AD) e a Teoria da Reprodução Social (TRS). Questionamos como a categoria de trabalho pode ser entendida como um fundamento do processo de interpelação ideológica na sociedade capitalista e recorremos à TRS para entender quais são os efeitos dessa determinação nas subjetivações das mulheres e sobre as mulheres, isto é, como as mulheres se significam e são significadas.

Embora os estudos sobre desigualdade de gênero nunca tenham sido tão numerosos, nossa formação social ainda privilegia o gênero hegemônico, e, como um dos efeitos desse funcionamento sócio-histórico-ideológico, temos as mulheres como o grupo mais afetado pela crise sanitária da pandemia causada pelo novo coronavírus, conforme dados da Organização Pan-Americana de Saúde. Diante dessa situação, alguns questionamentos iniciais surgem: por que as mulheres constituem o grupo mais afetado pela pandemia?; como isso é formulado pelas mulheres?; o que elas estão fazendo em relação a isso?; como a pandemia pode acentuar a desigualdade de gênero?

Dentre as teorias feministas, justificamos a escolha da Teoria da Reprodução Social como apporte teórico pelas seguintes razões: seu vínculo ao materialismo histórico, seu resgate das categorias marxianas e seu entendimento da formação social a partir de uma perspectiva unitária. Embora o trabalho reprodutivo não se limite ao trabalho doméstico e de cuidado executado pelas mulheres de modo não remunerado em suas casas, neste texto, trabalharemos com esse recorte em razão da materialidade que será analisada. Realizamos nosso gesto de análise tendo como materialidade um episódio de um podcast *Tetas na Mesa* lançado em 14 de abril de 2021, a partir do qual tecemos algumas considerações acerca dos efeitos do trabalho reprodutivo no processo de subjetivação das mulheres.

2. METODOLOGIA

A teoria de Pêcheux não dispõe de uma metodologia pré-estabelecida, passível de ser aplicada a todo tipo de *corpus*. O analista molda o dispositivo analítico, que tem de estar sensível e adaptado às diferentes materialidades significantes para escutar as questões que são pertinentes ao seu problema de pesquisa. Para a construção de nosso gesto de análise, mobilizamos conceitos como pré-construído e lugar enunciativo.

A TRS é compreendida como uma teoria materialista dialética de investigação da relação entre produção e reprodução no modo de produção capitalista. Seu interesse de pesquisa está na produção social, diária e geracional do trabalhador.

O trabalho de reprodução social, ou trabalho reprodutivo, geralmente precarizado e invisibilizado, assegura a reprodução diária e geracional da força de trabalho, provendo-lhe das capacidades necessárias à reprodução do modo de produção. Suas atividades podem ser realizadas de modo remunerado ou não remunerado e abrangem desde os cuidados básicos biológicos com os trabalhadores ou futuros trabalhadores, garantindo-lhes boa alimentação, habitação e higiene, até o sustento de necessidades do âmbito social e psíquico, como educação, lazer e estabelecimento de laços afetivos. Esse trabalho, em nossa formação social capitalista neoliberal, é destinado, majoritariamente, às mulheres, que são interpeladas pela ideologia dominante a identificarem-se com sentidos da feminilidade, associada à cisgender normatividade e à maternidade.

Para montar um arquivo que permitisse escutar as questões referentes ao tema da pesquisa, trabalhamos com diferentes materiais referentes a relatos/depoimentos de mulheres sobre os efeitos da pandemia em suas relações de trabalho remunerado e não remunerado, dos quais destacam-se vídeos e episódios de podcasts. Nesta pesquisa, abordaremos a análise desenvolvida a partir de um episódio do podcast “Tetas na mesa”. Exploramos as sequências discursivas recortadas interrogando sobre a relação entre trabalho reprodutivo e subjetividade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O episódio que faz parte de nosso corpus é o episódio número 61 do podcast Tetas na Mesa e foi lançado em 14 de abril de 2021, treze meses após a declaração da Organização Mundial da Saúde afirmado que a contaminação pelo novo coronavírus configurava uma pandemia. Tal podcast está disponível na plataforma do Spotify e Deezer, entre outros tocadores, e é produzido por três mulheres, Érica Ramirez, Thaís Habka e Mari Batisteli.

O episódio analisado foi intitulado como “E as mais fudidas na pandemia são...”, sequência recortada como nossa SD1. Já no título do episódio parece haver um elemento intradiscursivo importante mobilizando sentidos, a saber, o emprego das reticências onde deveria estar expresso o sujeito sintático da oração. Embora o português falado no Brasil seja predominantemente marcado pelo uso do sujeito expresso, essa falta não nos parece da ordem de algo que deveria estar explícito, mas que, por algum motivo, não o foi, e sim da ordem de algo que, de tão evidente, se fez desnecessário, pois, de outro modo, poderia incorrer até mesmo em uma redundância. A partir da descrição do episódio “Se você é mãe com certeza sabe a continuação do título desse episódio. Sim, são as mães”, recortada como a SD2, entendemos que, mesmo sem estar linearizado na sequência, as mães, o sujeito sintático do título do episódio, podem reconhecer-se na posição mencionada, visto que, com certeza, sentiram os efeitos da pandemia nas condições materiais de sua existência e não poderiam deixar de identificarem-se como sujeito do enunciado.

Esse lugar de “mãe na pandemia” lhes determina de tal modo que, embora não esteja linearizado no nível intradiscursivo, irrompe no fio do discurso via interdiscurso. Sabe-se que, em uma pandemia que dificulta as condições de reprodução da vida, as mulheres, e principalmente as mulheres mães, serão mais afetadas, visto que costumam ser as responsáveis por cuidar dos parceiros, das crianças, dos idosos e dos enfermos, garantindo a reprodução diária e geracional da força de trabalho. Embora o sujeito sintático não esteja expresso, a sequência funciona “como se esse elemento já se encontrasse aí” (Pêcheux, 1997, p. 99), o que pode ser referido ao funcionamento do pré-construído.

Formulada por Paul Henry para investigar o efeito de anterioridade das relativas determinativas, a noção de pré-construído foi desenvolvida por Michel Pêcheux (1997) para explorar as relações entre língua e discurso no campo de investigação da AD. O autor caracteriza o pré-construído como esse elemento do interdiscurso que “corresponde ao ‘sempre-já-aí’ da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma da ‘universalidade’” (Pêcheux, 1997, p. 164). O pré-construído corresponde, então, aos “já-ditos” que funcionam produzindo um efeito de reconhecimento, um efeito de evidência de sentido.

A elipse do sujeito nessa construção sintática, como efeito de algo que não precisa ser dito porque já se sabe como esse espaço pode e deve ser preenchido, nos faz pensar sobre o funcionamento da nomeação como uma forma de construção do pré-construído, visto que o sujeito não precisa ser nomeado para ser reconhecido. Contudo, a partir de Pêcheux (1997), entendemos que há um caráter universal nos pré-construídos, o que implica que as relações de sentido construídas via pré-construído são naturalizadas e compartilhadas socialmente, de modo que ele se apresenta acessível a diferentes formações discursivas, irrompendo no discurso à revelia do sujeito.

Isso posto, surgem dúvidas quanto à universalidade desse pré-construído. A construção do enunciado no feminino conduz a interpretação do sujeito; no entanto, devido à divisão sócio-sexo-racial do trabalho, que tem como um de seus efeitos a invisibilidade do trabalho reprodutivo, questionamos se os homens, por geralmente não estarem envolvidos com os serviços que compreendem o trabalho reprodutivo, reconheceriam as mães como as mais afetadas pela pandemia. Parece-nos que a produção de sentido que vem dessa elipse depende de uma relação entre lugar de enunciação e posição-sujeito.

A fim de desenvolver nossa proposição, recorremos aos estudos de Zoppi-Fontana (1999, 2017) em sua investigação sobre a relação entre lugar de enunciação e o processo de interpelação-identificação ideológica. A autora retoma Michel Pêcheux em sua explanação sobre lugar discursivo e condições de produção do discurso para defender que o lugar a partir do qual um enunciado é proferido intervém diretamente nas relações de sentido. A partir desse entendimento, Zoppi-Fontana retoma a teorização de Eni Orlandi acerca do duplo movimento do processo de interpelação ideológica e entende que esses lugares de enunciação fazem parte do processo de interpelação do indivíduo em sujeito, visto que correspondem ao momento em que, já interpelado pela ideologia, o sujeito é submetido aos processos de individuação pelo Estado e suas instituições, afetando diferentemente os processos de identificação e subjetivação, de modo que é nesse segundo movimento que se dá a “produção e/ou interdição histórica de lugares de enunciação” (Zoppi-Fontana, 2017, p. 65-66).

Entendemos que o lugar enunciativo de subjetivação define o “já-lá” no enunciado analisado, o que pode ser confirmado pela condicional se você é *mãe*. O sujeito do enunciado bem poderia ser “as pessoas pobres” ou “as enfermeiras”, entre outras possibilidades, e, considerando que as mulheres pretas aparecem como a parcela da população em maior vulnerabilidade social, é possível pensar que a elipse também poderia ser preenchida como “as mulheres pretas”. Assim, podemos afirmar que a elipse no enunciado retoma as mulheres mães, mas para as mulheres que são mães. Além disso, parece haver um efeito de homogeneidade sobre as mulheres mães sobrepondo-se a algumas lacunas que devem ser preenchidas, afinal, mães com trabalho remunerado e mães sem trabalho remunerado são afetadas do mesmo modo? Os efeitos são semelhantes em mães

em trabalhos valorizados e em mães em trabalhos precarizados? São os mesmos efeitos em mães brancas e pretas, pobres e ricas?

Entendemos que a pandemia mexe com a rede de sentidos em torno do trabalho reprodutivo de modo que este recebe uma maior visibilidade de diversos setores de nossa organização social e passa a ser significado até mesmo como “o trabalho essencial”, o que sinaliza uma mudança no processo discursivo, visto que, de modo geral, as atividades que envolvem a reprodução da vida sequer são significadas como trabalho. Considerando essa movimentação, é possível pensar que a pandemia rompe com o eixo do repetível e possibilita a circulação de outros processos de significação. Assim, há um pré-construído em construção devido à agitação nas filiações de sentido em torno do trabalho reprodutivo, e um dos efeitos dessa agitação é justamente o reconhecimento do grau do abalo das mulheres pela sobrecarga do trabalho de reprodução social, isto é, o reconhecimento da opressão de gênero como ferramenta de exploração e reprodução do modo de produção.

4. CONCLUSÕES

Propomos nesta pesquisa um diálogo entre a teoria materialista dos processos discursivos, iniciada por Michel Pêcheux e seu grupo na França no final da década de 1960, e a Teoria da Reprodução Social, que se popularizou a partir de 2017 com o Feminismo para os 99%: um manifesto, de Tithi Bhattacharya, Cinzia Arruzza e Nancy Fraser. Essa proposta de articulação é nova e sabemos das dificuldades em trabalhar com teorias distintas; no entanto, ambas teorias se amparam no materialismo histórico e este foi nosso ponto de ancoragem, ou seja, é a própria base epistemológica da Análise de Discurso que justifica essa articulação. Observamos as identificações de classe, raça e gênero como constitutivas do processo de interpelação ideológica que produz as evidências às quais o sujeito é assujeitado, de modo que este funcione por si mesmo (Pêcheux, 1997) se autorregulando a favor do Estado reproduzindo os saberes dominantes. Essas identificações mantêm as mulheres no trabalho reprodutivo produzindo subjetivações que atendem a ideologia hegemônica que conforma nossa formação social neoliberal. Em texto futuros, pretendemos continuar avançando na investigação acerca da relação entre trabalho reprodutivo e o processo de interpelação-identificação ideológica.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRUZZA, C; BHATTACHARYA, T; FRASER, N. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- ZOPPI-FONTANA, Mónica. Lugares de enunciação e discurso. **Leitura – Análise do Discurso**, nº 23, 1999, Maceió, p. 15 – 24.
- ZOPPI-FONTANA, Mónica. Domesticar o acontecimento: metáforas e metonímias do trabalho doméstico no Brasil. In: ZOPPI-FONTANA, Monica; FERRARI, Ana. Josefina. **Mulheres em Discurso**: gênero, linguagem e ideologia. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017, p. 123 – 159.